



LAPA SÃO MATEUS II-IMBIRA

Município: São Domingos (GO)

COORDENADAS DA ENTRADA PRINCIPAL: UTM 23 352070 - 8488562

PROJEÇÃO HORIZONTAL: 5.300 M

DESNÍVEL: NÃO FORNECIDO

NÚMERO DE CADASTRO: GO 062

ROCHA: CARBONATOS DO GRUPO BAMBUÍ

Esta grandiosa caverna compartilhou a mesma história evolutiva de sua vizinha, a Lapa São Mateus III. Separadas por uma ampla dolina, a Lapa São Mateus II-Imbira é, de certa forma, ofuscada por sua irmã maior. Não possui a mesma riqueza de ornamentações, a mesma extensão ou outros quesitos que tanto valorizam a caverna ao lado. No entanto é, ainda assim, uma cavidade espetacular, onde se podem observar enormes travertinos e galerias muito ornamentadas.

A descoberta da Lapa São Mateus II-Imbira ocorreu conjuntamente com a da Lapa São Mateus III, já que as entradas de ambas as cavernas estão próximas, em lados opostos da mesma dolina. Em 1973, uma equipe do Centro Excursionista Universitário (CEU), ao prospectar uma rasa e ampla dolina situada sobre o curso subterrâneo do Rio São Mateus, adentrou a caverna e, remontando o rio, descobriu a confluência subterrânea com o Rio Imbira, explorando a maior parte das galerias da caverna. Uma série de expedições organizadas pelo CEU se seguiram até o final dos anos 70, resultando na descoberta de novos condutos e no mapeamento das passagens até o momento conhecidas. A Lapa São Mateus II-Imbira presenciaria poucas atividades espeleológicas nos anos seguintes, recebendo apenas visitas esporádicas. Em fins da década de 80 a caverna foi palco de levantamento topográfico pelo Grupo Espeológico da Geologia (GREGEO- UnB). Em 2000 o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeológicas iniciou o remapeamento da caverna, atividade que prossegue até os dias de hoje.

Em que pese a existência de um trecho intransponível (até o momento) entre a Lapa São Mateus II-Imbira e a Lapa São Mateus III, ambas as cavernas foram, por muito tempo, consideradas uma cavidade única. Durante a década de 80 decidiu-se pelo estabelecimento de novos critérios espeométricos, o que motivou a individualização destas cavernas em feições distintas. No entanto, o detalhado levantamento topográfico em andamento pelo Grupo Bambuí levou à descoberta de novas galerias que posicionam a Lapa São Mateus II-Imbira a menos de 20 m de sua vizinha, tornando viável uma futura conexão através de espeomergulho. É provável que estas duas grandes cavernas venham, portanto, a se tornar uma só, o que resultaria na mais bela e maior caverna da região de São Domingos.

A Lapa São Mateus II-Imbira é normalmente percorrida a partir da entrada descendente da dolina, que acessa o trecho final de rio na caverna. Para jusante um conduto estreito leva ao ponto extremo, onde uma cachoeira leva ao sifão final. Subindo-se o rio, alcança-se rapidamente a confluência com o Rio Imbira. Este rio pode ser seguido por condutos de menores proporções até um sifão final,

já próximo do sumidouro externo do rio. Prosseguindo pelo Rio São Mateus, após um teto baixo, alcançam-se galerias de grandes dimensões, com destaque para uma fantástica sequência de travertinos que superam os 20 m de altura. Vulcões de grande porte também ocorrem nesta área. O conduto prossegue para montante, podendo-se atingir o exterior através de duas entradas fósseis. O percurso pelo rio é barrado finalmente por uma galeria por onde o rio emana sob forte correnteza por entre blocos. De uma forma geral, a galeria percorrida pelo Rio São Mateus é curta, porém de grandes dimensões. Em média possui cerca de 30 m de largura por 7 m de altura, possuindo alguns trechos de teto baixo. O grande potencial desta caverna reside, sem dúvida, em uma possível conexão com a Lapa São Mateus III, muito embora seja possível a descoberta de novas galerias e entradas superiores.

É bom o estado de preservação desta cavidade, sendo a mesma visitada principalmente por espeleólogos. A caverna insere-se no Parque Estadual de Terra Ronca, unidade de conservação que garante a preservação do rico patrimônio espeleológico da área.

Bibliografia

- Auler (1986c),
 Guyot et al. (1996),
 Guyot et al. (1997),
 Karmann e Setúbal
 (1984), Le Bret (1991),
 Pastorino et al. (1996),
 Setúbal (1986), Setúbal
 (1987).

